

A VIDA ESTÁ LÁ FORA

ANDRÉ ALVES | ANTÓNIO JÚLIO DUARTE
BRÍGIDA MENDES | DANIEL BARROCA
JOÃO ONOFRE | JOÃO PAULO SERAFIM
JOSÉ LUÍS NETO | MARTA CASTELO
NUNO DA LUZ | PEDRO BARATEIRO
RICARDO JACINTO | SUSANA ANÁGUA
SUSANA GAUDÊNCIO

(CORDOARIA)
galerias
municipais
NASCENTE

A VIDA ESTÁ LÁ FORA é uma exposição de curadoria coletiva, concebida pelos alunos da primeira edição da pós-graduação em Curadoria da Arte, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Após a invenção da perspetiva como sistema de representação, a figuração deslocou-se para o lugar do espectador – para a forma como o mundo se lhe apresenta e interpela o olhar e os sentidos.

Assim, o exercício da representação desinteressou-se do real preferindo explorar os mecanismos que o percebem ou o seu simulacro: um sistema de artifícios cada vez mais hábil, cada vez mais distanciado da origem. Ora, o simulacro não é uma presença, é uma ausência porque representar é substituir e transferir.

O simulacro, no limite da sua perfeição, fixa uma realidade paralela, que é controlável e por isso preferível ao original. Paradoxalmente, parece garantir também uma espécie de “acesso imediato ao Real”.

Por exemplo, os parques temáticos e os *reality shows* transmitem a ideia de que a experiência *verdadeira* do mundo e das relações sociais devem ser artificialmente intensificadas para serem percebidas como autênticas. Assim, este título tanto sugere uma divagação nostálgica, como uma insurreição contra o simulacro que nos encerra e que nos apela a sair, para fora. **A VIDA ESTÁ LÁ FORA** lança um convite para um percurso no qual categorizamos os simulacros em três temas.

Num primeiro momento, num contexto imaginário a que chamaremos de **COMÍCIO**, evoca-se o aglomerado social e a utopia de entendimento. A linguagem une a humanidade na igual proporção em que a divide, organiza-a segundo escalões de poder e estratifica-a burocraticamente. Quer como instrumento de controlo remoto quer como miragem de rutura, liberdade e de entendimento, a comunicação está povoada das interferências de uma maldição babélica.

Nesta nuvem conceptual cabe a cacofonia propagandística no vídeo de **Susana Gaudêncio**, a redução de um sentido e conteúdo num texto fundamental pela sua transcrição para um código digital, em **João Onofre**, ou **Pedro Barateiro**, onde a “argumentação” dos elementos é substituída por “negociação” e o “intercâmbio” por “consumo”. Num segundo momento, na zona **CINEMATÓGRAFO**, artilha-se um mecanismo de imersividade.

A experiência no cinema é, primeiro, física: o silêncio e a escuridão, simultaneamente individual e coletiva. O pulsar do sangue e a intermitência da respiração tornam-se audíveis no escuro. Despertado o cinematógrafo – a cada grão de luz na engrenagem, no ruído, na desfocagem, na dissolução da imagem – ele opera como a memória: de forma anacrónica, em sobreposição, em direto, diferido e em *looping*.

18/09 ► 16/11/2016

ATIVIDADES EM TORNO DA EXPOSIÇÃO
Visitas orientadas | conversas
24/09 e 15/10/2016, sáb. às 17h.

Torreão Nascente
da Cordoaria Nacional

galeriasmunicipais@egeac.pt
galeriasmunicipais.pt

Assim reverberam as instalações de **Susana Anágua** e **Daniel Barroca**. Como um simulacro do olho, o cinema dirige o olhar e controla a sua indisciplina. A lente é uma prótese que supera as limitações do olhar e estende a profundidade de campo. Quando o diafragma se contrai ao seu máximo encerramento (**João Paulo Serafim**), quase nos devolveria à escuridão não fossem os fantasmas da imagem e da persistência retiniana (**José Luís Neto**).

Num terceiro e último momento, um **JARDIM** imaginário prefigura a réplica perfeita.

Vagamente evocativos de recreio, os jardins e os parques são espaços de interrupção da vida ativa para dar lugar ao lazer e convívio ao ar livre, de forma moderada, controlada e circunscrita por uma vedação, como nas paisagens comprimidas de **Brígida Mendes**.

Hoje são o produto de uma sociedade pós-industrial ociosa, que perdeu as coordenadas de regresso à natureza selvagem e à qual resta apenas o decifrar da sua arqueologia (**Marta Castelo**) e procurar presságios nos arquivos de cadáveres presos por alfinetes.

Este núcleo apresenta uma revisitação crepuscular de “jardim”, de ecos distantes perscrutados por **Nuno da Luz**.

Convocam-se em tom nostálgico as naturezas-mortas, as paisagens ausentes, os taxidermistas e as classificações num território-maqueta estagnado, pantanoso e labiríntico.

Assumindo que a perceção das realidades depende de uma orgânica química variável, surge a proposta de **Ricardo Jacinto**: estranha arquitetura, esta, que a natureza replica, dentro e fora de nós.

Já em **António Júlio Duarte**, um vislumbre de voyeurismo: entre o espaço interior e exterior construímos fronteiras que delimitam o público do privado.

Tudo termina onde começa: na linha de horizonte, o cordel omnipresente que nos informa das orientações e medições que temos do mundo.

Este está num beco e esconde uma mensagem. Aproximamo-nos para ler: *A vida está lá fora* (título da peça homónima de **André Alves**).

O núcleo de alunos desta pós-graduação agradece ao corpo de artistas e galerias que, gentil e gratuitamente, acederam em participar nesta mostra.

Coordenação do curso: Raquel Henriques da Silva, Sandra Vieira Jürgens, Nuno Crespo

Coordenação de projeto: Emília Tavares

Curadoria: Bruno Pelletier Sequeira, Catarina Pombo Nabais, Cláudia Ribeiro, Hilda Frias, Joana Brito, Luciana M. Meirelles, Margarida Eloy, Maria Xavier, Pietra Fraga, Pedro Faria, Rodrigo Ezequiel, Sérgio Azevedo, Sofia Rodrigues

Texto e dossier técnico | Coordenação e revisão: Emília Tavares, Sandra Vieira Jürgens

Conceção e Edição: Pietra Fraga

Apoio editorial: Cláudia Ribeiro, Joana Brito, Luciana M. Meirelles, Margarida Eloy, Maria Brito, Olga Bessa Mendes, Rodrigo Ezequiel, Sofia Rodrigues

Imprensa: Sandra Vieira Jürgens

Coordenação de Produção: Emília Tavares, João Mourão, Nuno Crespo

Produção: Flávia Violante (EGEAC), Joana Brito, Luciana M. Meirelles, Margarida Eloy, Sérgio Azevedo

Apoio: Bruno Pelletier Sequeira, Pedro Faria, Pietra Fraga

Montagem: Set Up

Assistentes de montagem: Cláudia Ribeiro, Flávia Violante (EGEAC), Luciana M. Meirelles, Margarida Eloy, Pietra Fraga, Sofia Ribeiro

Programação Paralela: Bruno Pelletier Sequeira, Catarina Pombo Nabais, Hilda Frias, Maria Xavier, Sofia Rodrigues

Design: barbara says ...

Agradecimentos: Coleção António Cachola | Galerias Quadrado Azul, Miguel Nabinho, MÓDULO e Filomena Soares | Entidades: Millennium bcp, EGEAC - Galerias Municipais, FCSH/NOVA, IHA (FCSH/NOVA).

A todos os artistas que inspiraram este projeto e o tornaram possível.